

Deponente: Carlos Ricardo Fragoso Filho

Entrevistador: Jailane Pereira da Silva

Data: 17 de maio de 2017

JAILANE: Bom dia, meu nome é JAILANE, sou pesquisadora da Comissão da Verdade em Minas Gerais, hoje é dia 17 de maio de 2017. Eu estou aqui com o Padre **CARLOS FRAGOSO**, que vai trazer um pouco de sua memória pra contribuir conosco nessa pesquisa de memória e justiça em Minas Gerais. Padre CARLOS FRAGOSO, bom dia, o senhor é mineiro? O senhor sempre morou em Minas? Quero saber um pouco dessa trajetória e de como que o senhor vivenciou a Ditadura Militar em 1964.

CARLOS FRAGOSO: Meu nome é Carlos Ricardo Fragoso Filho, eu sou mineiro, de Belo Horizonte, fui educado exatamente aqui no seminário de Belo Horizonte, e também na UFMG, onde eu fiz o curso de sociologia. Depois fiz o mestrado também na UFMG. Além disso exerci o papel de padre na paróquia de Nossa Senhora da Glória, do Eldorado, durante 10 anos. Foi exatamente no período que correspondeu ao período da Ditadura.

JAILANE: Certo, muito obrigada. O senhor se lembra de padres que nesse período da Ditadura Militar, atuavam junto a movimentos sociais de resistência? O senhor também tem um histórico disso pra nos dizer?

CARLOS FRAGOSO: O meu histórico em termos dessa experiência, foi ligado a três aspectos: primeiro o religioso, que era vigário lá no meio dos povos; segundo, do Colégio Helena Guerra, porque eu era o capelão do colégio; e terceiro, eu também exercia uma função de diretor de colégio, de uma escola municipal, ou melhor, eu era o diretor geral dos ginásios, que chamava antigamente, da Prefeitura de Contagem. Então nessas três categorias eu tive a oportunidade de acompanhar todo o movimento brasileiro da revolução. E nós também podemos lembrar que aquele período, nós estávamos vivendo em um período na igreja de renovação, que é do Concílio Vaticano II. A gente tentava levar a prática aquelas decisões que tinham sido tomadas em Roma.

JAILANE: Muito importante esse movimento, o Concílio II, né? Isso trouxe a igreja mais pro lado do operariado, do pobre, como foi isso?

CARLOS FRAGOSO: Exatamente. Uma das questões que o Concílio levantou foi a fidelidade ao evangelho, aos mais pobres, e ajudar a transformação do mundo em termos sociais. Nesse sentido a gente se empenhava em dar apoio aos operários, dar apoio àqueles que estavam na luta pela transformação. E a nossa presença lá, junto à

comunidade, sempre foi muito bem recebida, porque era uma presença de ajuda realmente concreta aos pobres.

JAILANE: É interessante essa experiência, né, Padre Carlos? Porque é uma ajuda institucional presente forte, né? E assim, então, como o senhor me disse que há uma abertura desse operariado, dessa classe mais pobre, em receber ali a instituição da igreja, houve em contrapartida, uma oposição da Ditadura Militar? Que via vocês ali, fomentando, esse movimento?

CARLOS FRAGOSO: Olha, a oposição que os militares faziam era mais discreta, no meu caso pessoal. Porque tinha uma posição institucional muito relevante na comunidade, mas eu fui obrigado inclusive a prestar declarações, etc. e tal, como diversas pessoas que foram interrogadas pelos militares, eu também fui interrogado. E como eles estavam interessados em certos movimentos que eles chamavam de comunista, então me fizeram muitas perguntas. Como eu não tinha condição e nem estava disposto a dar apoio a essa posição deles, eu sempre descartei de qualquer resposta que pudesse comprometer quem quer que seja, até provoquei a irritação do coronel que me tava interrogando, falou assim “Cê num sabe de nada?” Falei assim: “Infelizmente, eu não sei de nada, de modo que possa interessar a vocês, eu não sei de nada”.

JAILANE: Certo. Nesse cenário que há então, ainda que de forma um pouco velada, né? Menos incisiva, uma resistência da Ditadura Militar com relação ao trabalho que vocês desenvolviam, o senhor sabe de relato de alguma invasão à igreja, de alguma prisão efetiva de padres? A gente tem relato daqueles padres franceses, lá do Horto, o senhor vivenciou, tem alguma memória disso?

CARLOS FRAGOSO: Sim, eu tenho a memória desses fatos, porque enquanto eu dava o mesmo apoio que eles deram aos pobres, a gente tinha a prudência de não se expor junto aos militares. Então, por exemplo, quando eles precisavam de lugar para fazer reuniões, provavelmente o sindicato dos metalúrgicos, que foi perseguido, foi fechado a sede, eu tive a oportunidade de oferecer local pra eles fazerem essas reuniões. Depois eu fiquei sabendo que os militares estavam atrás de encontrar esses locais, então em uma determinada, em um determinado momento, eu falei assim: “Olha, eu não posso oferecer mais a igreja pra fazer esses trabalhos com vocês, porque eles estão de olho na gente”. Foi quando os padres franceses ofereceram a sua igreja e foram presos, porque exatamente naquele dia, a repressão se fez presente no meio da Cidade Industrial.

JAILANE: Já tinha o movimento de cerco, né? Já estavam ali procurando, é isso, né? Entendi. E aí nessa atuação, o senhor me disse, que uma das frentes que o senhor atuou

nesse período foi no colégio Helena Guerra. A gente sabe que enquanto educandários, eram dois espaços, um em Belo Horizonte e um no Eldorado. Como é que o senhor chegou até esse lugar? Qual que era a relação com as oblatas que geriam ali, o colégio?

CARLOS FRAGOSO: Olha, o relacionamento com as irmãs do Helena Guerra foi muito interessante, porque elas também estavam muito despertas, por causa do Concílio Vaticano II, para um serviço junto aos pobres, tanto é que elas mantinham um colégio em um nível, vamos dizer assim, de classe média, e outro em um nível de operariado, mesmo. E eu ajudava exatamente nesse nível, porque eu era o capelão. Agora elas faziam um trabalho muito discreto, também como orientação que tínhamos do Arcebispo, fazíamos de tal maneira que não pudesse despertar uma oposição muito séria por parte dos militares. Eles não tinham nada a dizer, porque nós estávamos simplesmente fazendo um trabalho social, né?

JAILANE: Muito bom. E o senhor se recorda de alguma irmã em específico? Tem alguma delas que persiste na memória? Alguma que era mais à frente nessa relação política, pedagógica?

CARLOS FRAGOSO: Eu não me lembro atualmente o nome dela, porque eu já estou...

JAILANE: A gente tem um nome de Irmã Rafaela, o senhor se recorda?

PADRE CARLOS FRAGOSO: Sim! Irmã Rafaela!

JAILANE: É isso mesmo?

CARLOS FRAGOSO: Exatamente. A Irmã Rafaela era superiora deles, e ela fez uma luta muito árdua para levar esse testemunho de fraternidade junto aos mais pobres. Chegou até a ser perseguida mesmo pela revolução. A irmã Rafaela tinha uma posição muito definida, e como boa italiana, ela era também assim, bem destemida, e jogava-se no apoio aos pobres de uma maneira bem definida, bem aberta, bem exposta. E por causa disso foi perseguida, né? Ela chegou a ser vítima de inquérito, etc. e tal.

JAILANE: O movimento dos alunos, tava essa efervescência toda, um apoio institucional da igreja ali, do senhor, das irmãs, acolhimento da reunião dos operários. Como que ficou essa relação entre os operários e a escola? Se eles tinham também na escola essa espaço de abertura, de encontro? O senhor se recorda?

CARLOS FRAGOSO: Olha, eu me lembro que eles se sentiam muito honrados com a presença das irmãs fazendo o trabalho de educação junto aos seus filhos. E eles não misturavam as coisas, não. Quer dizer, a parte da luta social era separada um pouco desse trabalho de educação que se fazia através das irmãs. Mas eles sabiam perfeitamente que as irmãs estariam sempre apoiando, diversas vezes eles tiveram a

oportunidade de fazer reuniões inclusive nas dependências do colégio, quando ainda não tinha despertado o interesse dos militares, pelo menos a fúria dos militares contra a perseguição, em perseguição aos levantes.

JAILANE: Entendi. Os estudantes também se rebelaram muito. A gente lembra dos anos 60, assim, grandes movimentos estudantis, também sendo perseguidos... O senhor se lembra se o colégio ou se alguma igreja ali da paróquia do Eldorado foi abrigo pra esses estudantes, isso o senhor se recorda?

CARLOS FRAGOSO: De uma certa forma sim, mas de uma maneira um pouco distante, porque estávamos em uma realidade operária bem acentuada e era muito vigiado pela polícia. Então dificilmente poderia fazer um trabalho que não fosse um trabalho social legítimo, né? Que pudesse ser reconhecido inclusive pelos militares como um trabalho social. Agora, em termos estudantes, eu me lembro que também a essa época eu era estudante. Estava fazendo exatamente meu curso de sociologia, e... Essa turma era muito aguerrida, fizemos muitas greves, fizemos muitos movimentos, muitas reuniões, muito debate a respeito da situação do país, e até enfrentamentos. Uma das ocasiões eu me lembro que eu precisei de correr mesmo pra não ser preso, no meio da rua, porque estávamos fazendo uma reunião, que era tida como, entre aspas, “subversiva”.

JAILANE: O senhor disse que conhecia, né? A atuação das irmãs em duas frentes, uma mais pra classe média de Belo Horizonte, uma mais pro operariado, o senhor foi capelão então na escola Helena Guerra do Eldorado, mas o senhor teve alguma passagem pelo colégio Helena Guerra?

CARLOS FRAGOSO: Passagem como?

JAILANE: É, ainda que de visita, alguma atuação dentro do colégio aqui em Belo Horizonte? Ou foi só no Eldorado?

CARLOS FRAGOSO: Não, dentro de Belo Horizonte, não. Eu só trabalhei lá mesmo, em Contagem, na Cidade Industrial. Eu sabia do que eles faziam, promoviam, o apoio que eles deram aos padres franceses, etc., tudo isso eu conheci. Mas não tive nenhuma participação, porque minha posição era muito visível, o meu trabalho era muito mais de apoio subterrâneo aos operários... Por exemplo, naquela grande greve que se destacou entre todas as greves, porque não podia fazer nem greve, né, os operários. Eu tive a oportunidade de rodar muitos boletins para os operários. Somente eu e mais um funcionário da escola rodamos no mimeografo da escola, e foi entregue isso tudo a eles na madrugada, na minha casa, etc. e tal. Eles chegavam com os carros para apanhar e distribuía no princípio do turno, né? Que era 6 horas, isso é três turnos que eles tinham

antes do trabalho. Então foi uma aventura pra mim fazer aquilo, porque realmente se chegasse no conhecimento dos militares, certamente eles teriam sido presos.

JAILANE: É um trabalho muito bonito, né? E como que ficou isso? Agora falando um pouco assim, dessa renovação que a igreja buscou nos anos 60, nos 70, e que coincidiu, e aí combinou com essa ação mais pontual e presente da igreja? Como é que foi a recepção da teologia da libertação que tava aqui na América Latina, acontecendo esse movimento, e aí parece que houve uma recusa disso no Vaticano... Como que foi isso?

CARLOS FRAGOSO: Olha, o Vaticano II foi uma grande experiência da igreja, mas seus frutos não foram tão acentuados como se esperava, porque há também, dentro da própria igreja, alguns movimentos tradicionalistas que emperram uma atitude mais renovadora da igreja. Então o Vaticano começou com muita ênfase, a renovação começou com muita ênfase, mas aos poucos foi perdendo o gás, foi perdendo a força, foi perdendo a capacidade de recrutar pessoas, né? Mas, mesmo assim, o que nós temos hoje de presença de igreja junto aos pobres é fruto dessa renovação.

JAILANE: Certo. Acho que é isso, Padre Carlos. Acho que o senhor esclarece como isso pra gente é importante, com relação à escola, Colégio Helena Guerra, e a atuação dela nesse período da Ditadura Militar, e agora um momento, assim, livre, que o senhor quiser acrescentar, dizer alguma coisa mais assim, sobre esse contexto geral. Ou como que ficou o senhor avaliando hoje, como é que foi esse movimento, né? Como é que foi essa luta, a expectativa de libertação dos oprimidos, dos anos 60? Como é que isso fica hoje pro senhor de memória?

CARLOS FRAGOSO: O que eu vejo hoje, é que isso mudou muito, né? E foi graças a esse movimento dos trabalhadores, dos estudantes, nas classes mais humildes, que conseguiu transformar um pouco o país, né? No caso do Brasil, né? E agora nós estamos metidos numa situação complexa, mas eu acho que vamos sair bem disso, afinal de contas, não há lugar mais para um tradicionalismo que somente mantém algumas classes sociais no poder e não dá espaço pra mais ninguém. Eu tenho esperança que o Brasil saia desse buraco.

JAILANE: Temos sim, todos temos. Eu agradeço muito a nossa conversa, Padre Carlos.

CARLOS FRAGOSO: Nada, foi um prazer falar com você.